

Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental

Deyseane Maria Araújo Lima
Zulmira Áurea Cruz Bomfim

*Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, CE, Brasil*

RESUMO

Este artigo abrange temáticas provenientes dos estudos em psicologia comunitária e psicologia ambiental, com ênfase na vinculação afetiva entre pessoa e ambiente presentes nos conceitos de sentimento de comunidade e no apego ao lugar. Neste sentido, visa retratar o sentimento de comunidade, e para isso situa-se o conceito de comunidade e seus pressupostos teóricos. Em seguida, trabalha-se o conceito de apego ao lugar desenvolvido por Giuliani e as contribuições de Bowlby sobre a teoria do apego. A proposta metodológica relaciona-se com a análise crítica e articulada entre textos que trabalham estes dois conceitos propiciando aproximações e distinções, por meio da pesquisa bibliográfica. Os resultados de relacionar e refletir sobre estes conceitos baseiam-se nas semelhanças como a identificação com o lugar, a satisfação de necessidades, como também se diferencia pelas especificidades do lugar e dentre outros. Conclui-se ressaltando a importância desta relação, pois possibilita a construção de novos conceitos no diálogo da psicologia comunitária e da psicologia ambiental.

Palavras-chave: Apego ao lugar; sentimento de comunidade; afetividade.

ABSTRACT

Motional attachment person-environment: dialogues in community psychology and environmental psychology

This article covers topics from studies in community psychology and environmental psychology, with emphasis on the emotional attachment between person and environment found in the concepts of sense of community and place attachment. This way, it seeks to portray the sense of community, and for this, the concept of community and its theoretical assumptions are placed. Then, the concept of attachment to place developed by Giuliani and the contributions of Bowlby on the theory of attachment are discussed. The methodological proposal relates to critical analysis and is articulated between texts that work these two concepts providing correlations and distinctions, through the literature research. The results of relating and reflecting on these concepts are based on similarities such as identification with place and the satisfaction of needs, but it also differentiates itself by the specific nature of the place and among others. It concludes emphasizing the importance of this correlation, for it allows the construction of new concepts in the dialogue of community psychology and environmental psychology.

Keywords: Attachment to place; sense of community; attachment.

RESUMEN

Vinculación afectiva persona-ambiente: Diálogos en la psicología comunitaria y psicología ambiental

Este artículo comprende temáticas originadas en estudios en psicología comunitaria y psicología ambiental, con énfasis en la vinculación afectiva entre persona y ambiente presentes en los conceptos de sentimiento de comunidad y en el apego al lugar. En este sentido, se trata de presentar el sentimiento de comunidad, y para eso se situa el concepto de comunidad y sus presupuestos teóricos. En seguida, se trabaja el concepto de apego al lugar desarrollado por Giuliani y las contribuciones de Bowlby sobre la teoría del apego. La propuesta metodológica se relaciona con el análisis crítico y articulado entre textos que trabajan estos dos conceptos propiciando aproximaciones y distinciones, por medio de la encuesta bibliográfica. Los resultados de relacionar y reflexionar sobre estos conceptos se basan en semejanzas como la identificación con el lugar, la satisfacción de necesidades, como también se diferencia por las particularidades del lugar y entre otros. Se concluye ressaltando la importancia de esta relación, porque posibilita la construcción de nuevos conceptos en el diálogo de la psicología comunitaria y de la psicología ambiental.

Palabras clave: Apego al lugar; sentimiento de comunidad; afectividad.

INTRODUÇÃO

A psicologia ambiental e a psicologia comunitária são fazeres da psicologia social (Bomfim, Freitas e Campos, 1992). A psicologia social apresenta como visão de homem um ser histórico social, agente de mudanças em constante movimento, constituído e constituinte da cultura em que está inserido com ênfase na transformação e no compromisso social (Lane, 2004).

Bock (1999) refere-se à ciência psicológica como promotora de transformações e de uma atuação comprometida com a realidade onde atua. Desta forma, seus conceitos não deveriam fomentar as desigualdades vigentes e dicotomias presentes, mas sim a intervenção crítica sobre estes. Portanto, enquanto ciência e profissão, a psicologia deveria atender as necessidades e as demandas da população brasileira, o que, em consequência, possa refletir também na realidade da América Latina.

Esta psicologia tem como base epistemológica o materialismo-histórico dialético, que possibilita abordar os fenômenos psicológicos e sociais na sua historicidade (Bock, Ferreira, Gonçalves e Furtado, 2007).

Sawaia (2000), nesta perspectiva apresenta uma visão de homem, inserido historicamente e dialeticamente na sua realidade. Na óptica desta psicologia, estão os estudos sobre a dialética de exclusão/inclusão e o sofrimento ético político, com ênfase na afetividade.

Desta forma, na América Latina e no Brasil, a psicologia comunitária surge de uma psicologia social comprometida com a realidade brasileira relacionada às necessidades e problemáticas de nosso contexto. Diante disso, esta área ganha contornos próprios, conceitos específicos e formas de intervenção.

A psicologia comunitária adota uma postura política de transformação da realidade social. Neste sentido, Martín Baró (1996) propõe uma práxis historicizada, contextualizada com a realidade e uma análise crítica do homem e da sociedade. É interessante ressaltar, portanto, que:

Os fazeres em comunidades cresceram e frutificaram de tal forma que alguns psicólogos sociais consideram que a Psicologia Comunitária é a prática da Psicologia Social no Brasil. Dentro de tal perspectiva, todo trabalho com movimentos sociais, com saúde pública/coletiva, com o meio ambiente, entre outros, seriam práticas da Psicologia em comunidades (Bomfim et al., 1992, p. 134).

A psicologia comunitária, de acordo com Góis (2005, p. 30) é “uma área da psicologia social voltada

para a compreensão da atividade comunitária como atividade social significativa (consciente) própria do modo de vida (objetivo e subjetivo) da comunidade”.

Por sua vez, a psicologia ambiental surge de contribuições da psicologia social, por meio dos estudos de Kurt Lewin e da preocupação com o ambiente urbano.

Moser (1998, p. 125), ressalta “[...] o que se estuda em Psicologia Ambiental são fenômenos complexos, não só se usam métodos e técnicas bem conhecidas da Psicologia, particularmente da Psicologia Social, como também são criadas metodologias próprias da Psicologia Ambiental”.

A psicologia ambiental tem influência da psicologia social na sua teoria e metodologia, mas concebe outras especificidades, como, por exemplo, o estudo da ação humana sobre o ambiente, bem como também o efeito deste ambiente sobre o homem (Aragonés e Américo, 2000).

A psicologia Ambiental, de acordo com Moser (1998, p. 122), “estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações – e não somente as relações – entre a pessoa e o ambiente físico e social”.

Esta psicologia tem como objeto de estudo a relação e as inter-relações entre pessoa e ambiente e os processos afetivos e cognitivos humanos envolvidos neste ambiente social, histórico, cultural e físico.

Desta forma, a psicologia ambiental volta-se para a forma que as pessoas sentem, pensam e vivenciam o espaço em que estão implicadas. Pautando-se não somente na compreensão dos problemas ambientais, mas, sobretudo, na questão da sustentabilidade da vida enquanto responsabilidade dos seres humanos e na preocupação com a humanidade.

O sentimento de comunidade e o apego ao lugar são conceitos fundamentais para a compreensão desta psicologia social. Já, que o sentimento de comunidade representa um ponto de encontro entre os interesses pessoais e coletivos em uma comunidade (Sánchez Vidal, 1991). E o apego ao lugar é considerado relevante para o estudo dos aspectos afetivos no relacionamento entre pessoa e ambiente (Giuliani, 2004).

Na psicologia ambiental o estudo da vinculação entre pessoa e ambiente, inicialmente não era considerado importante. Desta forma, os estudiosos da área voltavam-se para o estudo dos processos cognitivos e comportamentais, de acordo com Giuliani (2004).

Por volta da década de noventa, que surgiram alguns pesquisadores interessados na vinculação afetiva entre pessoa e ambiente, levantando assim questões sobre a noção de apego e considerando-o uma “necessidade humana fundamental”.

Deste modo, esta necessidade é uma dificuldade presente na sociedade atual, pois geralmente o ambiente é uniformizado e padronizado para atender as necessidades de consumo gerado pela mídia e para a manutenção das desigualdades sociais presentes na nossa sociedade. Com esta uniformização e padronização, dificulta a identificação das pessoas com este espaço, pois não pode ser apropriado por estas, minimizando assim a capacidade de vincular-se afetivamente com o mesmo, o que pode gerar grande mobilidade ou a possibilidade de desenvolver relacionamentos apenas funcionalistas com os lugares (apenas explorá-lo visando seus recursos naturais, ou bens materiais, por exemplo) e até uma ausência de apego.

Na psicologia comunitária, o sentimento de comunidade, para Sánchez Vidal (1991), é essencial na sua definição, pois ressalta que a destruição deste conceito pode levar a uma desintegração das comunidades, gerando assim isolamento, anomia, solidão, entre outros resultados negativos.

Buber (1987, p. 13) argumenta sobre a comunidade

[...] em favor da restauração, criação ou desenvolvimento ulterior da comunidade como sendo os únicos meios possíveis para superar os males da sociedade e, dessa forma, conquistar uma vida melhor para os seres humanos neste mundo.

Diante disso, este artigo visa discutir a possibilidade de articulação entre os conceitos de apego ao lugar (na psicologia ambiental) e o de sentimento de comunidade (na psicologia comunitária). Esta problemática é essencial para estudar como as pessoas se vinculam aos lugares e à comunidade, e a possibilidade de construir conjuntamente e gerar benefícios ao lugar, ao grupo e a si mesmo.

É relevante para a construção de novas reflexões, a nosso ver, uma vez que possibilita aproximações e distinções entre estes conceitos, além dos nexos existentes entre eles, ressaltando as especificidades de cada contexto.

Este artigo baseia-se num estudo comparativo, que visa ao diálogo entre os saberes e não ao engrandecimento ou ao desmerecimento de um saber em relação ao outro. É um estudo crítico, realizado por meio do material que já foi elaborado sobre o assunto, em busca de uma melhor compreensão sobre esta problemática, portanto, a metodologia deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (1991).

Portanto, a pesquisa bibliográfica não seria uma revisão de literatura, nem mesmo uma revisão bibliográfica, mas sim uma maneira de fundamentar teoricamente o objeto de estudo, para formular

hipóteses e aprofundar temáticas ainda não muito exploradas, facilitando assim novas pesquisas. (Lima e Mioto, 2007).

SENTIMENTO DE COMUNIDADE: VINCULAÇÃO AFETIVA DOS MORADORES COM A COMUNIDADE

Sawaia (1996) afirma que a partir do Iluminismo, com o declínio do sistema feudal, ocorreram grandes críticas sobre o termo comunidade, pois era retratado como algo contrário ao progresso, que inviabilizava o desenvolvimento econômico e a reforma do sistema vigente, ocorrendo assim à valorização do individualismo e dos ideais da revolução industrial e francesa.

Com a decadência destes ideais, proveniente de uma insatisfação de grupos de trabalhadores europeus com as condições precárias a que foram submetidos, como por exemplo, o aumento da carga horária, e de críticas às condições de trabalho. Estes trabalhadores sentiram a necessidade de mobilização em busca dos interesses pessoais e coletivos. Então, o conceito de comunidade é repensado e constrói-se uma nova forma de relação comunitária (Góis, 2005).

O conceito comunidade começou a ser estudado na psicologia social por volta dos anos 70, com a construção da psicologia comunitária, sendo isso bastante relevante epistemologicamente, pois demonstra um olhar crítico sobre a realidade e a possibilidade de transformação (Sawaia, 1996)

A partir da complexidade da vida social, este conceito passou a ser estudado por vários outros saberes, áreas de estudo e teorias que, de acordo com Góis (1993), causam ainda algumas controvérsias na sua definição dependendo do contexto empregado.

Buber (1987) designa que a comunidade não é um espaço vinculado somente à ordem natural, aos laços sanguíneos e aos contrastes com a sociedade. Pois, aponta que

[...] a sociedade, regulada pelo princípio utilitário e por relacionamentos externalizados, dê lugar a uma nova comunidade, baseada na ‘lei intrínseca da vida’, no ‘princípio criativo’, e em relações emanadas da livre escolha das pessoas e não de ligações consanguíneas (p.17).

Desta forma, a comunidade reflete a sociedade e a sua dinamicidade, o que a distingue do todo social. É “um espaço de mediação entre as pessoas (e sua vida familiar), o município e a sociedade, além de ser um lugar de reconhecimento e de confirmação da identidade pessoal dos moradores” (Góis, 2005, p. 62).

Esta mediação também está presente no estudo de Sánchez Vidal (1991) sobre a comunidade, em que esta é caracterizada como uma forma de interação entre os seus moradores e a sociedade, é uma expressão das instituições sociais que a compõe, podendo assim satisfazer as necessidades mútuas.

A comunidade é uma forma que possibilita transformações na sociedade por meio da ação conjunta, da cooperação, da solidariedade. Ao se trabalhar com a comunidade, nota-se seu caráter preventivo e educativo, como também a capacidade de desenvolver potencialidades individuais, grupais e coletivas (Sawaia, 1996).

A comunidade, para Góis (2005), é um lugar de moradia e convivência efetiva entre os moradores, que estabelecem laços afetivos e um sentimento de pertencimento. Estes moradores vivenciam as mesmas dificuldades, necessidades, problemas sociais e representações sociais, num território que é compartilhado e delimitado geograficamente, ocorrendo uma identificação com o lugar e com as pessoas.

Há também um compartilhamento do modo de vida comunitário, da mesma história, da mesma cultura. No entanto, a comunidade não é um lugar homogêneo, sem conflitos, pois estão presentes contradições que promovem através do diálogo, a transformação dos moradores e da própria comunidade. (Góis, 2005).

García, Giuliani e Wiesenfeld (2002) denominam comunidade como uma rede de apoio mútuo entre seus moradores, a partir da confiança de que não estão sozinhos diante das problemáticas vivenciadas.

Os moradores da comunidade a definem por sua própria experiência comunitária, nesta conceituação estão presentes afetos e sentimentos entre os moradores. (García et al., 2002).

O sentimento de comunidade, para McMillan (in García et al., 2002) manifesta-se quando os moradores se preocupam uns com os outros e compartilham uma fé de que as necessidades dos moradores se satisfazem pelo compromisso de estarem juntos.

García et al. (2002) referencia esse sentimento como “pertencendo a”, que é capaz de determinar quem faz parte de uma coletividade maior. Isso não quer dizer que não ocorram conflitos entre os moradores e seus objetivos pessoais e coletivos. Embora existam conflitos, deve-se focar na sua superação, de forma que propicie o crescimento e a não destruição do sentimento comunitário.

Há quatro categorias do sentimento comunitário que são destacados por McMillan e Chavis (in García et al., 2002):

- A primeira categoria refere-se a um sentimento de pertencimento que o morador sente na comunidade em que está inserido. Caracteriza-

se pela segurança emocional, que facilita que o morador se vincule afetivamente ao lugar quando este é seguro. Relaciona-se também ao pertencimento e à identificação do morador com a comunidade, local onde compartilha uma mesma realidade social. A partir desta identificação com as pessoas e os lugares, pode ocorrer à intervenção pessoal, que é a forma como os moradores atuam nesta comunidade.

- A segunda categoria denomina-se influência, que é a capacidade que o morador tem de influenciar a vida comunitária e de ser influenciado por esta.
- Na terceira categoria ocorre a satisfação das necessidades pessoais e coletivas dos moradores de forma cooperativa, sendo assim designada de integração e satisfação de necessidades.
- A última categoria chama-se conexão emocional compartilhada, pois os símbolos que são compartilhados pelos moradores da comunidade têm um significado especial para estes.

Sarason (in Sanchez Vidal, 1991), considera o sentimento de comunidade quando o morador se sente pertencente a este contexto, fazendo parte de uma coletividade, de uma rede de relações de apoio mútuo.

Chavis y Wandersman (in Sanchez Vidal, 1991) afirma que o sentimento de comunidade seria essencial para determinar e dinamizar a participação nos diversos âmbitos de transformação da comunidade, como no caso do desenvolvimento comunitário.

Esse sentimento relaciona-se com a vinculação dos sujeitos a um mesmo lugar e a uma forma de vida comunitária, podendo desencadear a participação para resolver dificuldades em comum.

APEGO AO LUGAR: VINCULAÇÃO AFETIVA DAS PESSOAS COM O AMBIENTE

A teoria do apego, desenvolvida por Bowlby (2002), propõe uma vinculação afetiva entre a mãe e o bebê para que ocorra satisfatoriamente o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança.

Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (in Pontes, Silva, Garotti, Magalhães, 2007, p. 69) afirmam que:

A figura de apego funcionaria, também, como uma base segura que permitiria à criança explorar o ambiente. O apego pode, deste modo, ser compreendido como o conjunto de comportamentos do bebê que se caracteriza não somente pela busca de proximidade física da mãe, mas também pela exploração do ambiente.

É interessante resgatar essa teoria proveniente do desenvolvimento infantil, que define o apego pelo

comportamento de buscar e manter-se próximo a outro indivíduo. É possível fazer relações com o apego ao lugar (Giuliani, 2004), já que é relevante a presença de pais afetivos e de um ambiente estruturado, que propicie conforto, proteção, segurança e confiança em si mesma (Bowlby, 2002).

Deste modo, ressalta-se o apego no desenvolvimento infantil, como forma de propiciar relações com outros campos do conhecimento e a importância também que Bowlby (2002) atribui à afetividade e à relação mãe-criança-ambiente.

Para Giuliani (2004), na psicologia ambiental, um dos autores, que reconheceu a necessidade de se estudar o apego ao lugar foi Fried, que incluiu a questão da vizinhança e de sua satisfação. Outro autor foi Yi-Fu Tuan (1983) que relaciona o espaço geográfico à vinculação afetiva, como forma de transformar este espaço em lugar por meio da experiência humana.

De acordo com Moser (2001), a subjetividade está relacionada aos espaços cotidianos, pois estes promovem processos de significação e de identificação das pessoas com estes, como por exemplo, a residência pode ser considerada um lugar, um espaço de referência básica para a construção de um sentido de proteção e de segurança. Desta forma, o espaço é mais abstrato do que o lugar, é movimento e sua transformação, já que o lugar corresponde a um processo de apropriação deste espaço, onde o sujeito imprime sua marca, atribui novos significados e passa a identificar-se com este ambiente. (Yi-Fu Tuan, 1983).

Ambiente, de acordo com Aragonés e Américo (2000), é o objeto de estudo da psicologia ambiental, é o que rodeia as pessoas e interage com elas em seu contexto, é sócio-físico e construído socialmente. Desta forma, conforme Moser (2001), a psicologia ambiental considera níveis ambientais: nível I (microambiente – espaço privado, casa, moradia...), nível II (comunidade – ambientes próximos, vizinhanças, parques...), nível III (ambientes públicos – aldeias, cidades, campo...) e o nível IV (societal – ambiente global).

Giuliani (2004) afirma que o apego ao lugar caracteriza-se pela presença de afetos que as pessoas sentem de diversas maneiras, em relação aos lugares em que nascem, acontecimentos que vivenciam e sujeitos com quem interagem, como também as pessoas que fazem parte destes locais. Desta forma, conforme a autora:

Passando de uma visão estática do apego – considerando um conjunto de atitudes e comportamentos que caracterizam o relacionamento entre um indivíduo (ou um grupo) e um determinado lugar – para uma perspectiva dinâmica considerando o apego no contexto mais amplo do desenvolvimento

da capacidade de investir afetivamente a lugares (Giuliani, 2004, p. 95-96).

Giuliani (2004) também ressalta três processos que podem gerar um sentimento de apego: o primeiro refere-se à satisfação das necessidades da pessoa no local, havendo assim predominância dos componentes cognitivos e de sua relação funcional com o ambiente.

O segundo relaciona-se com os significados dos lugares a nível simbólico e/ou físico em relação à identidade da pessoa. E o terceiro, retrata-se um grande período de residência e familiaridade, com ênfase nas questões emocionais, no sentimento de segurança e no bem estar que propicia as pessoas.

Portanto, fatores estressantes como assaltos, a insegurança, criminalidade, poluição, ruídos, falta de saneamento do bairro, influenciam a relação entre as pessoas e o seu ambiente. Isso se relaciona diretamente com o tempo de residência no bairro e a falta de mobilidade, podendo causar uma diminuição do apego a este lugar (Martín, Hernández e Ruiz, 2006).

Marris (in Giuliani, 2004, p.101) afirma que “os relacionamentos que mais importam para nós tipicamente envolvem determinadas pessoas a quem amamos... e às vezes determinados locais aos quais atribuímos as mesmas qualidades amadas”.

Embora, esta autora enfatiza que o apego ao lugar diferencia-se do apego às pessoas por alguns fatores, como a permanência da vinculação afetiva por certo período de tempo, a relação com o lugar onde já morou, ou vivenciou a infância.

Outro aspecto relevante nesta diferenciação seria a simbolização e representação do lugar para as pessoas sem que estas necessariamente tenham contato com este lugar, bem como a vontade de continuar em contato com o lugar que é objeto deste apego e a dificuldade de se apegar a outros lugares. E releva-se a busca por segurança e o conforto nestes espaços.

REFLEXÕES E APONTAMENTOS SOBRE O SENTIMENTO DE COMUNIDADE E O APEGO AO LUGAR

O sentimento de comunidade é um afeto direcionando a comunidade pelos moradores desta realidade, neste caso, a comunidade é um lugar específico. Já, o apego é voltado para o lugar, que pode ser diversificado, como por exemplo, hospitais, escolas, ambientes de lazer, esportivos, bairros, e inclusive este pode ser a própria comunidade.

Desta forma, ressalta-se que na psicologia ambiental o foco de atuação e pesquisas seria com o ambiente e sua relação com a pessoa. Já para a psicologia comunitária o foco da práxis do profissional e do pesquisador seria com a comunidade.

Esta comunidade, para Giuliani (2004, p. 92) denomina-se como “[...] o sistema de redes sociais destinado a funcionar dentro de fronteiras geográficas bem definidas e inclui como componente essencial um senso de pertencimento ou apego ao lugar”.

O sentimento psicológico de comunidade, que de acordo com Sánchez Vidal (1991) visa à satisfação das necessidades, ao pertencimento ao grupo, à autonomia, à presença da diversidade, se opondo aos sentimentos de alienação, isolamento e solidão.

No sentimento de comunidade como no apego ao lugar está presente a satisfação das necessidades com este lugar, em que o morador se vincula afetivamente a comunidade mediante a satisfação de condições básicas de sobrevivência. Nestes dois conceitos, é observado uma ênfase na segurança.

A questão da segurança e do conforto que este ambiente gera nas pessoas interfere no modo como interagem com o lugar, podendo promover mudanças, quando isso é possível (Giuliani, 2004). No sentimento de comunidade também está presente essa interferência da segurança na vinculação afetiva com a comunidade (Sánchez Vidal, 1991).

No apego funcional apresenta-se predominância da base cognitiva sobre a afetiva, que corresponde à qualidade do lugar, da possibilidade deste em atender as demandas das pessoas envolvidas neste processo. Portanto, se esse ambiente não satisfaz seus moradores, o apego diminui e uma mudança pode ser positiva (Giuliani, 2004).

O sentimento de comunidade refere-se à satisfação das necessidades pessoais, mas também com as coletivas, isso acontece de forma conjunta e cooperativa (García et al., 2002). Porém difere do apego funcional, que se direciona principalmente ao ambiente e suas alternativas disponíveis, enquanto o sentimento de comunidade vislumbra a vinculação entre os moradores e a comunidade.

O apego funcional é apenas uma característica do apego ao lugar, já que este conceito é dinâmico e traz outras especificações, como a familiaridade e o tempo de residência, dentre outros.

O apego ao lugar apresenta base mais emocional do que cognitiva e refere-se aos sentimentos que o lugar propicia para as pessoas, como a segurança e o conforto. É a experiência concreta e cotidiana com o lugar que permite que esse apego aconteça, e estar apegado a um lugar, dificulta apegar-se a outro lugar.

Os moradores da comunidade vivenciam e constroem os seus símbolos que são compartilhados por todos nesta realidade, apresentando assim significados para os moradores e uma identificação com o local, que é essencial no sentimento de comunidade, para García et al. (2002).

Em relação ao apego, Giuliani (2004) afirma que o significado de lugares é fundamental para a identidade da pessoa, isso quer dizer que há lugares que têm um valor simbólico, ou correspondem a um período significativo na vida pessoal, sem que isso remeta a um tempo duradouro de residência.

A identificação com o local promove a capacidade de se vincular afetivamente a este, promovendo o apego a este lugar. Isso também é observado no sentimento de comunidade, pois se sente fazendo parte de uma rede de relações de apoio mútuo.

O sentimento de comunidade é marcado por afetos e emoções direcionados a comunidade e aos seus moradores (Sánchez Vidal, 1991). Já, o apego ao lugar refere-se a uma vinculação diferenciada deste lugar, pela permanência dos vínculos, pelos componentes simbólicos, e entre outros.

Portanto, pode-se enfatizar, que:

[...] o sentimento que possuímos em relação a alguns lugares e às comunidades que os lugares ajudam a definir e que são, por sua vez, definidos por elas – lar (família, parentes, amigos), local de trabalho, (colegas), igreja (os outros devotos), vizinhança (vizinhos), cidade, país, continente –, certamente contribui, forte e positivamente, para definir nossa identidade, dar sentido à nossa vida, enriquecê-la com valores, metas e significado (Giuliani, 2004, p. 90).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentimento de comunidade refere-se a uma interação entre a comunidade, seus moradores e a sociedade, possibilitando que estes busquem a construção conjunta, a participação social, a transformação da realidade e de si mesmo (Sánchez Vidal, 1991).

O apego ao lugar é marcado por afetos e emoções presentes na relação entre as pessoas e os lugares. Este lugar garante a satisfação de necessidades, o valor simbólico do lugar para as pessoas, a permanência desta relação, ou mesmo a mobilidade quando é necessário, e entre outros. O apego pode promover o bem estar e a transformação social destas pessoas (Giuliani, 2004).

Neste estudo comparativo sobre o conceito de sentimento de comunidade e apego ao lugar, constrói-se um conhecimento, a partir das aproximações e distinções entre estes conceitos, que são importantes tanto para a psicologia comunitária como para a psicologia ambiental.

Este artigo foi uma tentativa de aprofundar conceitos da psicologia social e dos seus fazeres (Bomfim et al., 1992) e resultou da compreensão de como se dá

a vinculação afetiva das pessoas com o lugar em que vivem e atuam de acordo com cada contexto.

Dentre as aproximações, pode-se relacionar a vinculação afetiva e a identificação com o lugar, os significados presentes neste lugar, as satisfações das necessidades, ressaltando a segurança e dentre outros.

Algumas distinções presentes são peculiares a cada contexto e a cada saber, que são as especificidades em relação ao lugar para o sentimento de comunidade, as questões referentes ao apego funcional como componente cognitivo do apego ao lugar, da distinção do afeto designado aos lugares e à pessoa no apego ao lugar e dentro outros.

Diante disto, ressalta-se a grande presença de elementos em comum que constituem estes conceitos, como alguns que o diferenciam, que se referem à especificidade de cada contexto e de cada saber.

Sarason (in Sánchez Vidal, 1991) afirma que os sentimentos como mutualidade, interdependência e pertencimento dependem da forma que as pessoas interagem afetivamente e geograficamente, assim como a força das relações estabelecidas.

Nesta perspectiva, Giuliani (2004, p. 89-90) afirma que:

[...] talvez não exista nenhum sentimento de afinidade mútua, comunidade, fraternidade entre as pessoas, seja ele formal ou não, institucionalizado ou não – nem nenhum sentimento de diversidade, aversão, hostilidade –, que não esteja relacionado de alguma forma a questões de lugar, território e apego a lugares.

REFERÊNCIAS

- Aragonés, J. I., & Amérigo, M. (2000). *Psicología Ambiental*. España: Ediciones Pirâmide.
- Bock, A. M. B. (1999). A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. *Estudos de Psicologia* (Natal), 4, 315-329. ISSN 1413-294X.
- Bock, A. M. B., Ferreira, M. R., Gonçalves, M. da G. M., & Furtado, O. (2007). Sílvia Lane e o projeto do “Compromisso Social da Psicologia”. *Psicol. Soc.*, 19, 2 (esp.), 46-56. ISSN 0102-7182.
- Bomfim, E. M., Freitas, M. F. G., & Campos, R. F. (1992). Fazer em Psicologia Social. In Conselho Federal de Psicologia. *Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços*. São Paulo: Átomo.
- Bowlby, J. (2002). *Apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Buber, M. (1987). *Sobre a comunidade*. São Paulo: Perspectiva.
- García, I., Giuliani, F., & Wiesenfeld, E. (2002). El lugar de la teoría en Psicología Social Comunitaria: comunidade y sentimiento de comunidade. In Montero, M. (Org.). *Psicología Social Comunitaria: Teoría, Método y Experiencia* (pp. 75-101). México: Universidad de Guadalajara.
- Giuliani, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In Tassara, E. T., Rabinovich, E. P., & Guedes, M.C., *Psicologia e ambiente*. São Paulo: Educ.
- Gil, A. C. (1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Altas.
- Góis, C. W. L. (1993). *Noções de Psicologia Comunitária*. Fortaleza: Edições Ufc.
- Góis, C. W. L. (2003). *Psicologia Comunitária no Ceará: uma caminhada*. Fortaleza: Instituto Paulo Freire.
- Góis, C. W. L. (2005). *Atividade e consciência*. Fortaleza: Instituto Paulo Freire.
- Lane, S. T. M. (2004). A Psicologia Social e uma nova concepção do Homem para a Psicologia. In Lane, S. T. M., & Codo, W. *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Lima, T. C. S., & Mito, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. Katálysis* (Florianópolis), 10, n. esp. Disponível em: <Http://Www.Scielo.Br/SciELO.Php?Script=Sci_Arttext&Pid=S1414-49802007000300004&Lng=Pt&Nrm=Iso>. [Acesso em: 17 jun. 2008]. Doi: 10.1590/S1414-49802007000300004.
- Martín, A., Hernández, B., & Ruiz, C. (2006). Influencia de las condiciones ambientales en el apego y la identidad con el barrio. In Martín, R., Berenger, J., & Corraliza, J. A. (Org.). *Medio Ambiente, Bienestar Humano Y Responsabilidad Ecológica*. IX Congreso de Psicología Ambiental, España.
- Martín-Baró, I. (1996). O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*. Natal: 2, 1, 7-27.
- Moser, G. (1998) *Psicologia Ambiental*. *Estudos de Psicologia* (Natal), 3, 1. Disponível em: <Http://Www.Scielo.Br/SciELO.Php?Script=Sci_Arttext&Pid=S1413-294x1998000100008&Lng=&Nrm=Iso>. [Acesso em: 21 out. 2008]. Doi: 10.1590/S1413-294x1998000100008.
- Moser, G. (2001) *Psicologia Ambiental no novo milênio: Integrando a dinâmica cultural e a dimensão temporal*. In Tassara, E. (Org.). *Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. São Paulo: EDUC.
- Pontes, F. A. R., Silva, S. S. da C., Garotti, M., & Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia*, 26 (jul./dez.), 67-79.
- Sánchez Vidal, A. (1991). *Psicología comunitária: bases conceptuales y operativas métodos de intervención*. Barcelona: Ppu.
- Sawaia, B. B. (1996). Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto à humanidade. Campos, R. H. De F. (Org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sawaia, B. B. (2004). *Artimanhas da exclusão*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Tuan, Yi-Fu. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, São Paulo: Difel.

Recebido em: 06/01/2009. Aceito em: 03/11/2009.

Autoras:

Deyseane Maria Araújo Lima – Psicóloga, estudante do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante do Laboratório de Psicologia Ambiental (LOCUS) e do Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisa sobre a Criança (NUCEPEC). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES/REUNI.

Zulmira Áurea Cruz Bomfim – Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do mestrado em Psicologia da mesma Universidade e coordenadora do Laboratório de Psicologia Ambiental (LOCUS). Fortaleza, CE – Brasil. <zulaurea@uol.com.br>.

Enviar correspondência para:

Deyseane Maria Araújo Lima
Rua Lauro Maia, 618 – Bairro de Fátima
CEP 60055-210, Fortaleza, CE, Brasil
E-mail: deyseanelima@yahoo.com.br